

## **R.I.P.**

Não fazia a menor idéia de como tinha chegado ali. De repente, deparei-me com aquele cenário. Do lado direito, um anjo de mármore, imponente. À esquerda, uma árvore sem folhas. Em frente, uma comprida rua de paralelepípedos. Havia também um forte cheiro de flores, embalado por um pranto coletivo distante, igual ao coro de uma tragédia grega. Pra completar, uma espessa neblina me impedia de olhar mais à frente.

Não gostei nada daquilo. Só tinha certeza de que não podia continuar parado ali. Resolvi arriscar uns passos, um de cada vez, com muita cautela. Por sorte, não tropecei em nada. Sentia as pedras da rua embaixo dos meus pés. No entanto, a sensação de desprendimento, de não pertencer àquele lugar, era forte. Havia algo de muito errado com aquele conjunto de sensações, cheiros e visões.

Após andar uns 30 passos, o pranto foi ficando mais próximo. Com meus braços esticados à frente, acabei encostando em uma parede muito fria. Fui tateando e percebi que era uma espécie de caixa, pois a parede não era alta e tinha uma tampa em cima. Como num estalo, toda a neblina se dissipou e percebi que havia dezenas de pessoas em volta daquela estrutura, além de mim. Horrorizado, olhei por cima dela: era meu corpo dentro do caixão. Naquele momento, tive certeza. Havia deitado minha cabeça no travesseiro à noite e nunca mais ia acordar.